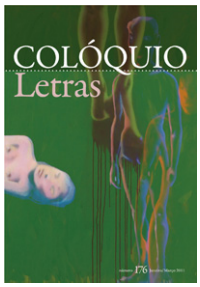

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Corredores Secretos', de Maria Isabel Barreno]

Álvaro Manuel Machado

Para citar este documento / To cite this document:

Álvaro Manuel Machado, "[Recensão crítica a 'Corredores Secretos', de Maria Isabel Barreno]", *Colóquio/Letras*, n.º 176, Jan. 2011, p. 236-238.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

denominador comum uma análise vinculada a um cunho historiográfico realista, com excepção dos textos críticos de Gonçalo Cordeiro relativo ao conto «O Canto da Sereia», de Júlio Dinis, e o de Ernesto Rodrigues relativo ao conto «A Dama Pé de Cabra», de Alexandre Herculano, ambos veiculando uma tendência mais formal. A abordagem crítica vinculada à historiografia literária e à metodologia realista e historicista (detecção de pontes de fidelidade com a realidade biográfica, histórica, social e ideológica de cada autor, bem como integração da sua obra na historiografia literária) evidencia-se como uma qualidade não despicienda das duas antologias, permitindo o seu uso em circunstância de sala de aula tanto no ensino secundário quanto no universitário. Neste sentido, para além de todos os textos críticos procederem à integração dos autores e dos contos seleccionados na história da literatura portuguesa, destaca-se o já habitual uso da primeira pessoa na prática da crítica literária de Annabela Rita, tanto em «José Matias», de Eça de Queirós, quanto em «Cidades», de Teolinda Gersão; a análise temática de «Civilização», de Eça, por Maria Isabel Rocheta, e a aplicação das categorias tradicionais do conto em «Leão Velho», de Lídia Jorge; a integração do conto «Saudades para a Dona Genciana», de José Rodrigues Miguéis, na vida e obra do autor, por Teresa Martins Marques, bem como a análise temática do «ciúme» no conto «O Vestido Cor de Fogo», de José Régio; a tendência historicista presente nas análises de Serafina Martins, tanto em «Diálogo com Uma Águia», de António Patrício, quanto em «A Tentação do Sátiro», de Aquilino Ribeiro, substituída por uma análise mais temática em «O Recolhimento», de Maria Ondina Braga; a prática habitual da decomposição analítica (espaço, tempo, acção diegética, certo privilégio atribuído à análise semântica do texto) de Margarida Braga Neves em «Vera e o Acidente», de David Mourão-Ferreira; a complexidade bibliográfica erudita de Ernesto Rodrigues na análise de «O Conde Jano», de Mário de Carvalho, e de «A Dama Pé de Cabra», de Alexandre Herculano, gerando uma leitura composta por 13 pares analíticos, de certo modo semelhante aos pares categoriais por que Jorge de Sena exercia a crítica literária.

Precioso como recurso tanto lúdico quanto didáctico, a publicação das duas antologias marcará doravante, de um modo definitivo, a historiografia do conto em língua portuguesa, género literário que sofre actualmente uma profundíssima revolução com a recente emergência de uma geração posterior à de Luísa Costa Gomes, a grande renovadora do conto português nos finais do século XX, de que se enunciam, como exemplo, os nomes de Afonso Cruz, Maria Antonieta Preto, David Machado, Pedro Medina Ribeiro e Rui Herbon. Singrando um caminho paralelo, deveras original, António Vieira afirma-se, porventura, como o melhor contista português vivo.

Miguel Real

Maria Isabel Barreno
CORREDORES SECRETOS
SEGUIDO DE MOTES E GLOSAS
Porto, Sextante Editora / 2010

Talvez convenha lembrar que Maria Isabel Barreno se revelou em 1968 com o romance *De Noite as Árvores São Negras* e que, desde então, tem publicado quer romances quer livros de contos (como é o caso deste volume) que, no seu conjunto, formam um todo bastante coerente, quer a nível temático quer a nível da linguagem narrativa, com o resto da obra. Esse pri-

meiro romance era estruturado, por assim dizer, na base de um único, longo e denso monólogo tecido de fragmentos de monólogos encadeados, técnica que depois foi aperfeiçoando e que nunca abandonou totalmente. Outro elemento narrativo desse primeiro romance que foi persistindo é o de uma acção lenta e subterrânea, que capta as relações quotidianas entre indivíduos completamente diferentes uns dos outros e divididos, por vezes dramaticamente, entre a manutenção dos laços de família, de convenções tradicionalmente burguesas, sobretudo no que diz respeito aos tabus sexuais, e uma rebelião íntima mas poderosa, centrada na mulher. O que há de mais perdurável em todos estes elementos é uma fluência lírica plena de recôndita sensualidade. A essa sensualidade acrescenta-se a partir de *Inventário de Ana*, romance de 1982, uma certa dimensão alegórica e onírica. Ora, é precisamente essa dimensão que, apesar da permanência dos outros elementos já referidos, predomina neste novo livro, intitulado bizarramente *Corredores Secretos seguido de Motes e Glosas*.

Trata-se de uma pequena colectânea (109 páginas), dividida em duas partes de extensão praticamente igual («Corredores Secretos» e «Motes e Glosas»), reunindo breves textos dispersos, escritos entre 1973 e 2001. São, como a própria autora nos diz numa nota de abertura, «textos impublicados e textos dispersamente publicados» (p. 7). A questão que, desde logo, se põe é a de saber onde está a unidade do livro, se é que estes textos formam, de facto, uma unidade. Note-se, aliás, que a classificação de «contos» inserida na capa (mas não no interior do livro) é pouco rigorosa, para não dizer totalmente inadequada, pelo menos para alguns dos textos incluídos na colectânea, embora haja aqui e ali esparsos pontos de contacto com os livros de contos anteriormente publicadas por Maria Isabel Barreno, ou seja: *Contos Analógicos* (1984), *O Enviado* (1991) e *Os Sensos Incomuns* (1993), isto pela própria elaboração alegórica e a constante interpenetração tempo histórico/tempo individual.

De facto, sobretudo na primeira parte da colectânea, as personagens dividem-se entre uma função predominantemente alegórica e uma função de evocação sócio-histórica mais ou menos explícita. No primeiro caso está, logo a abrir, «Junto ao Farol», duas brevíssimas páginas em que (para lá, a partir do título, da óbvia alusão a Virginia Woolf e, portanto, a uma certa literatura, digamos, feminista) se evoca, sem que haja fio narrativo, um país «do máximo de expectativa e do mínimo de consumação», um país de «terror, vozes, suspiros, queixas» que «chegam de longe, entrecortados, como se viessem dum calabouço bem enterrado, [...] trazidos pelo vento, numa noite de tempestade», à «luz dum farol, um feixe bem recortado, no nevoeiro» (p. 11-3), aludindo-se, assim, vagamente aos anos da ditadura salazarista (o texto data, aliás, de 1973). Poderíamos referir igualmente «Conto Trágico-Verídico entrecortado por Raízes Profundas», que, na verdade, nada tem de conto, mas sim de crónica em forma de manifesto ecológico da autora-narradora, evocando a «filosofia da árvore» desprezada pela «regras comunitárias» no abate «selvático» de plátanos em plena cidade de Lisboa. Refira-se ainda «A Criação», em que a evocação do mito de Adão e Eva é transposta para a da luta do escritor no processo de criação das suas personagens, uma luta sem fim: «Quase temeu o autor por suas capacidades criadoras. Mas depois lembrou-se de que a sina de erros iniciais, de histórias que logo se transtornam, estavam inscritas desde os inícios das literaturas da humanidade, talvez nos seus genes.» (p. 65).

Ainda nesta primeira parte da colectânea note-se, por outro lado, a mais ou menos irónica análise das relações amorosas, com alusões a histórias populares (Capuchinho Vermelho, Branca de Neve, etc.), como, por exemplo, em «A Primavera», conto no qual, a propósito da relação entre dois jovens, Octávio e Mariana, que eram apenas amigos mas que acabam, inspirados pelos rituais primaveris, por se tornar amantes efémeros (amam-se «com alegria e, claro, não foram felizes para sempre», p. 20), se evocam poeticamente «as memórias de ser planta, na lenta viagem da matéria que nos compõe por todas as formas de vida — nossa evolução, nosso conhecimento, nossa dança, através de átomos e moléculas e sua inconsciência.» (p. 19). Note-se ainda o conto «Personagens Prosaicas em História Poética», voltando aqui as alusões aos contos populares tradicionais, «misturas de Branca de Neve com a Bela Adormecida» (p. 37).

Na segunda parte da colectânea, concentra-se o elemento de cariz propriamente alegórico, através da criação, extremamente sintética, de quatro personagens-chave, sem nome, personagens que apenas existem em termos lendários da evocação inicial «Era uma vez...»: «O Invasor Bárbaro», «O Cruzado» (neste, em particular, os elementos ideológicos de crítica social são evidentes, estabelecendo-se paralelismos entre a globalização actual e a «então chamada propagação da fé cristã, [...]; crenças igualmente firmes na livre empresa — da guerra e comércios associados», p. 80), «O Colonizador» (pretexto para denunciar uma democracia que «ainda não chegou às palavras, que se mantêm desiguais para designar coisas idênticas», p. 100) e, enfim, «O Holigão», história de um «holigã profissional» que se apaixona por uma «esplêndida amazona» que «avistara no único instante de amor da sua vida» (p. 109).

Em suma: são, de facto, textos muito dispersos, excessivamente dispersos, de valor desigual, em que, no entanto, os «corredores secretos» são os mesmos a que Maria Isabel Barreno aludia no esplendoroso romance que precedeu esta colectânea, *Vozes do Vento* (2009), referindo uma das principais personagens: «havia muitos corredores entre a narração de Manuel Maria e a vida real tal como eles a entendiam, havia personagens passando de um lado para o outro» (p. 135).

Álvaro Manuel Machado

Mário de Carvalho
A ARTE DE MORRER LONGE
CRONOVELEMA
Lisboa, Editorial Caminho / 2010

A chave deste livro surge no *incipit*, obrigando a uma leitura inquieta e, por vezes, inquietante que a aparente simplicidade da história nunca anulará. Estamos no universo de Mário de Carvalho, no jogo da subversão, onde cada episódio, cada frase ou mesmo cada palavra podem remeter para um número infindável de referências ocultas. Enganam-se aqueles que viram neste «cronovelema» apenas um conjunto de fragmentos bem humorados sobre a contemporaneidade, se é que se pode caracterizar desta maneira o discurso de um narrador que se coloca no nosso mundo, descrevendo espaços conhecidos e fenómenos familiares. A obra inicia-se com uma alegoria que poderia ser, mas não é, uma fábula, em quatro andamentos: os donos de tartarugas exóticas começaram a abandoná-las nos tanques e charcos de Lisboa; o tanque do Museu da Cidade começou a ser povoado com carpas; os patos marrecos comeram as carpas; os falcões, que sobrevoam Lisboa, dizimaram os patos. A definição alegórica surge a seguir: